

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

LUANA REGINA BORGES

**MULHERES: DA HISTÓRIA NO BRASIL AOS LIVROS DE HISTÓRIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

LUANA REGINA BORGES



**MULHERES: DA HISTÓRIA NO BRASIL AOS LIVROS DE HISTÓRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra Ivone Teresinha Carletto de Lima.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2018



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Mulheres: Da História no Brasil aos Livros de História

Por

**Luana Regina Borges**

Esta monografia foi apresentada às 19h00min h do dia 25 **de maio de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado.

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresinha Carletto de Lima  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vanessa Hlenka  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof. Me. Nelson dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho a todas as mulheres, que suas histórias possam ser reconhecidas e contadas pelos alunos das nossas escolas.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por tanta luz que colocou no meu caminho quando me sentia perdida.

À minha família, que sempre me incentivou, que acredita em mim e apoia meus sonhos e ideias. Obrigada por toda a paciência que tiveram comigo nesta caminhada.

À minha irmã caçula, meus três sobrinhos e meus alunos, todos ainda crianças, obrigada por ser minha fonte de incentivo, pois vocês crianças me motivam a lutar por uma sociedade mais justa, no agora e no futuro.

À minha orientadora professora Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima pelas orientações, pelos apontamentos que fizeram minha pesquisa ganhar rumo e enriqueceram o trabalho.

Aos meus amigos e amigas que compreenderam todas as vezes que precisei me ausentar para estudar.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Eu levanto a voz, não para que eu possa gritar, mas para que aqueles sem voz possam ser ouvidos... não é possível prosperar quando metade das pessoas ficam para trás”.  
(MALALA YOUSAFZAI)

## RESUMO

BORGES, Luana Regina. **Mulheres: Da História no Brasil aos Livros de História**. 2018. 28 páginas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Este trabalho teve como temática a representação feminina nos livros didáticos de história nas décadas de 1980 e 1990. Teve como objetivo investigar o modo como os livros didáticos representam a participação da mulher na história, ou seja, buscaram-se aspectos que apontassem a participação feminina nos fatos históricos que são relatados nos livros didáticos e disponibilizados para o ensino dos alunos. Durante a pesquisa foi percorrido sobre a história da mulher e do livro didático no Brasil. Ainda, a exploração das fontes deu-se no momento em que foram investigados e analisados livros didáticos de história a fim de trazer para o leitor como este material didático retrata, ou omite a presença das mulheres na constituição da história nacional. Podem-se constatar nos livros analisados, aspectos que se mostraram voltados para a formação crítica do aluno, na busca por quebrar a história centrada na figura heroica, porém, a omissão da participação feminina na constituição da história, ou mesmo as organizações criadas por elas, não ganham espaço ou elementos nas páginas destes livros. Assim, cabe aqui incentivar professores e alunos a irem além das páginas dos livros. Ao professor cabe a função de dar voz aos omitidos da história, e aos estudantes a oportunidade de conhecer as lutas travadas pelas mulheres na história.

**Palavras-chave:** Representação Feminina; Livro Didático; História das Mulheres; Gênero; História.

## ABSTRACT

BORGES, Luana Regina. Women: From the History in Brazil to the History Textbooks. 2018. 28 páginas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

This research had as its theme the feminine representation in history textbooks from the 1980s to 1990s. Our objective was to investigate the way textbooks depict the woman's participation in history, that is, we looked for aspects that pointed to the feminine participation in historical facts that are reported in textbooks and made available for teaching to students. During this research, we also expatiated on the woman's history and the textbook's history in Brazil. Also, the investigation of sources took place at the moment in which History textbooks were analyzed and researched in order to bring the reader how this didactic material represents, or omits, the women's presence in the constitution of national history. We could determine, in the analyzed books, aspects that were directed to the critical formation of the student in search of breaking the history centered in the heroic figure, however, the omission of the feminine participation in the constitution of history, or even in organizations created by them, do not gain space or elements in the pages of these books. So, we believe that teachers and students should be motivated to go beyond the pages of the books. The teachers have the role of providing voice to the excluded ones in history, and the students should have the opportunity of learning about the struggles and conflicts women went through in history.

**Keywords:** Feminine Representation; Textbook; Women's History; Genre; History.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mulheres Exercendo o direito ao Voto .....	23
Figura 2 – Fotografia da Marcha da Família com Deus Pela Liberdade.....	24
Figura 3 – A Volta dos Exilados no Processo de Anistia .....	25

## **LISTA DE ABREVIACOES**

MEC: Ministério da Educação.

PNLD: Programa Nacional do Livro Didático.

PNLD: Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

PNBE: Programa Nacional Biblioteca da Escola.

CNLD: Comissão Nacional do Livro Didático.

CELD: Comissão Estadual do Livro didático.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 LIVRO DIDÁTICO E GÊNERO: UMA ABORDAGEM INICIAL.....</b>	<b>13</b>
2.1 A MULHER – DA HISTÓRIA BRASILEIRA .....	15
2.2 LIVROS DIDÁTICOS – UM PARECER HISTÓRICO.....	18
2.2.1 Livros Didáticos – A Disciplina de História .....	19
2.2.2 Livros Didáticos – A Representação da Mulher nos Livros de História .....	21
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A história das mulheres é diferente da história dos homens, por séculos foram os homens que apareceram como protagonistas das guerras, das grandes conquistas, desbravadores de espaços, conquistadores de terras, enquanto o papel da mulher esteve apagado da historiografia.

Inicialmente o ensino da disciplina de história reflete esta omissão dedicada à história das mulheres na sociedade, como enfatiza Hornes (2013, p. 321) “Desde o século XIX, quando a história passa a ser vista como uma disciplina científica, o papel das mulheres sempre foi visto subordinado à presença e representação dos homens” e por meio do livro didático traz resquícios deste modo de ver o mundo para dentro da sala de aula.

O livro didático é suporte do professor e do aluno. Por gerações este material foi utilizado como instrumento único e verdadeiro dos conteúdos que seriam desenvolvidos em sala de aula.

Assim ficam as dúvidas de como esses livros influenciaram a construção do imaginário social acerca do gênero feminino na disciplina de história. Estes livros didáticos disponibilizados para o público estudantil valorizava os movimentos e bandeiras levantadas pelos grupos femininos na história, ou apenas contribuía para a perpetuação de uma história construída por homens e figuras heroicas masculinas?

Apesar de muita luta pela igualdade de gênero, as mulheres ainda sofrem um preconceito velado. São mulheres que por consequência da estrutura da sociedade ficaram sem espaço na história. É necessário analisar e compreender qual a representação feminina que os estudantes encontravam nos livros didáticos de história ao cursar o ensino fundamental?

Por fim, este trabalho tem o objetivo de analisar como a mulher foi representada nos livros didáticos de história no Brasil, a fim de compreender como este material, que influenciou gerações, refletia em suas páginas a situação de omissão social dos grupos femininos. Por meio desta pesquisa, será possível que alunos e professores reflitam sobre o conteúdo disponível no livro didático, a fim de estimulá-los a buscar e investigar além destes. Pois como afirma Rodrigues (s/d, p.02) “Escrever sobre a história das mulheres significa apresentar fatos pertinentes,

ideias, perspectivas para todos que buscam refletir sobre o mundo contemporâneo ou procurem nele interferir”.

Deste modo, esta pesquisa além de revelar uma das formas de opressão social que o grupo feminino sofreu e que foi propagada entre os estudantes por meio da organização da educação, oferece também a professores e alunos, a oportunidade de coletar e sintetizar estas informações para assumirem seus papéis político-sociais dentro da sociedade contemporânea, visto que a realidade atual discute estes problemas emergentes, e é função do ensino criar um alunado consciente para o agir social.

A história também precisa ser contada pelo olhar feminino, busca-se na educação a presença de um material didático que retrate a importância que as mulheres tiveram nos feitos de suas comunidades. Deste modo, procuramos despertar nos estudantes a consciência desta história omitida, para que dentro do ensino da disciplina de história sejam direcionadas mais práticas que enfatizem a valorização do papel da mulher nos atos histórico-sociais.

A presente pesquisa baseia-se nos recursos bibliográficos produzidos sobre os temas da história das mulheres na disciplina de história, bem como se caracteriza como exploratória à medida que investiga nos livros didáticos a representação do gênero feminino nesta disciplina.

Para realizar esta pesquisa serão feitas as análises de alguns livros didáticos do ensino de história, utilizados no Paraná no início dos anos 90. O intuito aqui é observar dentro dos conteúdos dispostos nestes livros, como este material retrata a imagem feminina. Ou seja, dentro dos capítulos sobre a história do Brasil, qual é o índice de representatividade que este material didático traz ao aluno sobre a participação da mulher na história brasileira.

Os livros didáticos utilizados para esta pesquisa são tomados aqui como importantes fontes históricas, a fim de compreender como os livros didáticos utilizados na educação das crianças eram reflexos do pensamento social daquele período.

Após a observação sistematizada e análise detalhada dos capítulos dos livros didáticos, foram expostos os resultados da pesquisa na conclusão deste trabalho. Foram retiradas destas fontes algumas imagens que auxiliarão os leitores a visualizar melhor os resultados.

Durante a pesquisa registrou-se uma breve abordagem sobre o papel da mulher na história. Também enfatizou-se como este grupo feminino ficou omitido da história até ser impulsionado pelos movimentos feministas, como indica Hornes:

A partir dos anos 80, os estudos feministas passam a ter um caráter legítimo e institucional. Portanto, o mundo das mulheres passa a fazer parte do mundo dos homens. Nesse contexto, a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas ocasionando a sua ampla invisibilidade como sujeito, a mulher que antes pertencia apenas no mundo privado, gradativamente vai ocupando o mundo público. (HORNES, 2013, p. 322)

Assim, anterior a este período, sem pertencer dignamente à história, estas mulheres também não teriam suas vidas e feitos contados na disciplina de história, cujo material de apoio didático era voltado para propagar as ideias sociais da época.

Com isto, tem-se ao decorrer deste trabalho a discussão sobre o livro didático atrelado ao papel que ele toma na disciplina de história no período aqui destacado. Portanto busca-se destacar como o gênero feminino foi representado neste material de apoio da disciplina de história.

## **2 LIVRO DIDÁTICO E GÊNERO: UMA ABORDAGEM INICIAL**

A sociedade contemporânea se preocupa cada vez mais em fortalecer os grupos que de alguma forma sofreram ou sofrem as mazelas sociais. Em meio a este movimento de conscientização de classes e grupos oprimidos encontra-se a educação, que pode ser utilizada como instrumento de alienação daqueles que não detém o poder, ou pode ser utilizada como meio para a libertação e emancipação das ideias dos estudantes.

Neste sentido, pode-se afirmar que os professores possuem papel fundamental na composição do caminho que a educação dos jovens irá seguir. Assim, é necessário que os profissionais da educação conheçam as diferentes realidades e opressões que compõem nossa sociedade, a fim de possibilitar aos alunos a capacidade de reflexão para além do que lhes é exposto, de modo que

permita que estes estudantes hajam em sua realidade de maneira autônoma e coletiva.

O processo metodológico em sala de aula acontece, principalmente, por meio do uso do livro didático,

Além de consagrado em nossa cultura escolar, o livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula. (SILVA, 2012, p. 806).

Este material continua sendo muito utilizado como um guia para o percurso e orientação das disciplinas na prática do dia-a-dia. Contudo, cabe aqui neste trabalho avaliar o uso do livro didático especificamente na disciplina de história, no início dos anos 90.

Os alunos possuem acesso à história nas escolas desde seus primeiros anos escolares, e é no Ensino Fundamental que esta disciplina ganha suas primeiras características próprias e o aluno passa a utilizar o livro didático como referência para conhecer a história de seu país, bem como os agentes históricos que possibilitaram os atos ali descritos.

É neste momento então que os educandos passam a estudar a história, mas não tem registros sobre a participação da mulher em cada passagem ali descrita, assim como mostra Tedeschi (2012, p. 13) “Essa história, no qual somos herdeiros (as) ainda nos cerca, nos acompanha, nos limita”.

Nesta perspectiva tem-se um problema emergente, a luta feminina pelo reconhecimento e igualdade é histórica e ao mesmo tempo atual, e a forma como estas mulheres foram representadas na história por meio dos livros didáticos, atingiu uma geração de estudantes que hoje estão inseridos na sociedade e veem cada vez mais a dificuldade das mulheres em fazer história quando não se tem sua história revelada.

## 2.1 A MULHER – DA HISTÓRIA BRASILEIRA

No livro “As Mulheres e a História: Uma introdução teórico metodológica”, o professor Tedeschi (2012, p. 09) apresenta sua obra com a máxima “As mulheres nunca estiveram ausentes da história, embora a historiografia oficial as tenha esquecido”. Este argumento remete-nos a refletir sobre o papel atribuído à mulher na história, e como este imaginário criado ao redor do que é feminino é uma realidade ainda no nosso século.

Esquecidas da história e afastada dos lugares públicos, inclusive da escola, as mulheres foram postas à margem da esfera política/histórica desde as sociedades greco-romanas. Sobre este “silêncio na historiografia”<sup>1</sup> Michelle Perrot (1994) mostra que

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção da excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem. (PERROT, 1994, p. 05).

Muitos são os relatos e histórias que poderíamos abranger aqui sobre a participação, mesmo que velada, dessas mulheres no campo das ciências, na tomada da guerra, nas batalhas e revoluções que sucederam neste período. Mostrar que mesmo silenciadas este grupo possui uma história de coragem e resistência. Contudo, esta pequena abordagem foi utilizada para centralizar os leitores sobre este estado de omissão herdado por gerações e que influenciaram a configuração social brasileira, da qual iremos nos aprofundar a seguir.

Observemos então a mulher brasileira a partir do século XX, muitos são os comportamentos femininos padrões dedicados a elas, a fim de impor as condutas e ações que estas deveriam ter para serem respeitadas na sociedade, como relembra Del Priore e Bassanezi (2004, p.516) “as moças de família portavam-se corretamente, tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se para o casamento e conservavam sua inocência sexual”.

Deste modo, ser uma boa filha, boa mãe, boa moça e esposa respeitada estava estritamente ligado aos padrões impostos por aquele tempo, que indicavam que,

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Michelle Perrot em sua obra “Escrever uma história das mulheres: Relatos de uma experiência”, para mais informações ver Referências.



A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. (DEL PRIORE, BASSANEZI. 2004, p. 509).

Entretanto, mesmo inseridas neste contexto opressor tratado como natural pela sociedade vigente, muitas mulheres discordavam desta apropriação masculina sobre suas vidas, educação e as demais questões sociais que as cercavam. Assim, em vários momentos da nossa história elas se organizaram em grupos para buscar a mudança da sua situação submissa.

Deste modo, impulsionadas por movimentos no mundo inteiro que levavam cada vez mais a presença da mulher ao cenário político/econômico/social, surge no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, o movimento das mulheres sufragistas, as quais lutavam para que pudessem exercer o direito ao voto.

As sufragistas argumentavam que as vidas das mulheres não melhorariam até que os políticos tivessem de prestar contas a um eleitorado feminino. Acreditavam que as muitas desigualdades legais, econômicas e educacionais com que se confrontavam jamais seriam corrigidas, enquanto não tivessem o direito de voto. A luta pelo direito de voto era, portanto, um meio para atingir um fim (ABREU, 2002, p. 460).

Este movimento reuniu muitas mulheres em torno do objetivo de poder participar ativamente da esfera política. Neste percurso que perdurou por 40 anos a união das mulheres resultou em favorável a elas, que a partir de 1932 tiveram seu direito ao voto garantido.

Sobre este fato histórico Pitanguy e Alves (1994) afirmam que o movimento sufragista

Mobilizou, nos momentos de ápice da campanha, até 2 milhões de mulheres, o que torna esta luta um dos movimentos políticos de massa de maior significado do século XX. Apesar disto, merece dos livros de História, quando não o silêncio, apenas uns poucos parágrafos ou uma nota de pé de página. (PITANGUY, ALVES, 1994, p. 44).

As autoras denunciam a omissão da história das mulheres nos livros de história, visto que apesar dos resultados favoráveis, a condição da mulher permanecia submissa e ditada pelos valores morais da época.

Culturalmente, a história da mulher foi assumida a partir do papel social que esta incorporava na sociedade, ou seja, a função da mulher estava dividida em cuidar do lar, do homem e ligada principalmente à maternidade, assim, dentro deste

espaço dedicado a elas não lhes cabiam atuar na história. Esta marginalização na sociedade e,

(...) a consciência que a história de mulheres se desenhava, sobretudo, na ausência e no silêncio que as envolvia, levou o movimento feminista desde a década de 1960 a lutar pela necessidade de visibilizar as mulheres e o seu protagonismo na história. (TEDESCHI, 2012, p. 10).

Foi a partir da década de 70 que o movimento feminista ganhou espaço no Brasil e contribuiu para tirar as mulheres do anonimato. Pequenas organizações foram criadas por mulheres para mostrar sua força, estas variaram entre encontros por diversas cidades brasileiras até a criação de jornais, como o Brasil Mulher, por exemplo, criado no Estado do Paraná no período da ditadura militar, este porta-voz feminino era

[...] ligado ao Movimento Feminino pela Anistia e publicado por ex-presas políticas. Já no começo de 1976, um grupo de mulheres universitárias e antigas militantes do movimento estudantil começa a publicar o jornal *Nós Mulheres*, desde seu primeiro número auto-identificado como feminista. Ainda neste ano, o *Brasil Mulher* também se colocava abertamente como um jornal feminista. (COSTA, 2005, p.05).

Estes jornais eram utilizados como meios de comunicação e vinculador de ideias, que preconizavam a atuação das mulheres na mudança do sistema ditatorial vigente.

Ainda sobre este período no Brasil, o golpe militar dava espaço para um governo opressor, que restringiu os direitos dos civis. Em torno desta história não se cabe a omissão. A democracia esteve restrita por mais de vinte anos, e os movimentos femininos que existiam, aos poucos foram sendo oprimidos, alguns chegaram à clandestinidade.

As mulheres buscavam mídias alternativas, ou filtravam-se em meio a greves ou encontros sindicais para proferir suas reivindicações<sup>2</sup>. Foi neste período, conhecido como segunda onda do feminismo<sup>3</sup>, que foram travadas lutas por igualdade salarial, equidade de gênero, igualdade nos direitos e proteção contra violência doméstica, questões que infelizmente ainda não foram de fato conquistadas.

---

<sup>2</sup> Isto aconteceu porque no Brasil durante a segunda onda do feminismo, a população vivia um momento hostil e de restrição de direitos, visto que o país vivenciava um regime autoritário nesta época.

<sup>3</sup> A primeira onda do feminismo se deu durante o século XIX e início do século XX, e tinha como principais reivindicações o direito ao voto e ao trabalho fora de casa. Já a segunda onda do feminismo no Brasil ocorreu entre as décadas de 1960 a 1980.

Entretanto, a luta pela redemocratização do país passa a ser também uma causa destas cidadãs, que impulsionadas pelo fortalecimento do feminismo, pela atuação em organizações políticas, pela militância ou por questões pessoais, se organizaram em diversas áreas para combater a repressão da ditadura.

Com a volta da democracia ao cenário político brasileiro, a consolidação de diversos partidos que buscavam representar vários setores sociais, o impulso de diferentes movimentos sociais no país e no mundo, as mulheres ganham força enquanto categoria, mulheres pertencentes a outras camadas sociais e com bandeiras diversificadas passam a buscar voz e espaço na história.

## 2.2 LIVROS DIDÁTICOS – UM PARECER HISTÓRICO

Em 1985 foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)<sup>4</sup>, com a missão de distribuir livros didáticos de forma gratuita a todas as escolas públicas do país. A ação deste projeto, de fato, permitiu a todos os públicos o acesso a este material didático.

Contudo, a história dos livros didáticos antecede em muito à criação deste programa. É possível encontrar registros que mostram que no Brasil, “a utilização mais sistemática do livro didático no ensino remonta ao período imperial”. (SILVA, 2012, p. 807).

Neste período o material didático era inspirado no modelo de ensino francês e destinava-se à educação das classes privilegiadas, em via dos modelos educacionais europeus. (SILVA, 2012).

Se o livro didático, já em sua origem, era destinado para atender os anseios de uma determinada classe social, a sua posterior adoção nas escolas não fugiu desta realidade.

Como instrumento fundamental do trabalho didático na sala de aula, o livro tomou o imaginário de professores e alunos, tornando-se um instrumento

---

<sup>4</sup> No ano de 2017 um decreto uniu as ações do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) juntamente ao trabalho do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), gerando assim o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD.

incontestável, com verdades absolutas sobre a educação formal que era dedicada aos jovens.

Deste modo, muitos governos apoiaram-se nos materiais didáticos para dissuadir suas ideias e ideologias, pois o material, que já fora consagrado anteriormente como principal fonte de ensino, mostrava-se eficiente na formação dos jovens, que posteriormente seriam os cidadãos ativos da sociedade brasileira.

Um exemplo de controle ideológico através do livro didático que podemos citar são aqueles usados pelos governos ditatoriais, tanto o promulgado pelo ditador Getúlio Vargas em 1937, como o executado pelos militares em 1964.

Sobre o período do Estado Novo, Silva mostra que

Em 1938, sob o comando do Ministério da Educação e Cultura, chefiado agora por Gustavo Capanema, foi criada a Comissão Nacional do Livro didático (CNLD), que tinha como subordinadas as Comissões estaduais de livros didáticos (CELD), estabelecendo o controle político e ideológico da produção e distribuição de livros didáticos no país pela ditadura Vargas. (SILVA, 2012, p.808).

Desse jeito, o livro tornava-se importante ferramenta tanto de controle do trabalho executado pelo professor em sala de aula, como material de instrução ideológica dos estudantes que os utilizavam.

Um caminho semelhante foi tomado pelos militares nos anos de chumbo, que usavam os materiais didáticos para impor suas ideologias e manter o controle sobre os professores, conteúdos e disciplinas.

Contudo, mesmo em governos que funcionavam com regimes democráticos, o livro didático ainda impunha de fundamental ordem dentro do trabalho escolar. Muitos pontos ainda podem ser ressaltados sobre esta função, como a própria história de uso pela dominação, inclusive, o fato de até o século XX o livro ter sido fonte de conhecimento até mesmo para professores, ou mesmo a facilidade de utilizar um único material didático voltado para o ensino de alunos em salas de aula lotadas.

### 2.2.1 Livros didáticos – A disciplina de História

A História dos homens, dos povos, das nações precisa ser contada, conhecida e explorada. Desde o século XIX, tem-se a oportunidade de trabalhar com esta área do conhecimento nas escolas, visto que

A História como área escolar obrigatória surgiu com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, dentro de um programa inspirado no modelo francês. Predominavam os estudos literários voltados para um ensino clássico e humanístico e destinados à formação de cidadãos proprietários e escravistas. (BRASIL, 1998, p.19).

Por meio deste excerto do documento oficial dos Parâmetros Nacionais Curriculares da disciplina de história, percebemos o emergir desta disciplina no Brasil Império, tendo em vista os modelos de educação europeia.

Esta disciplina foi no período citado e continua a ser, de fundamental importância para levar o conhecimento da história das civilizações e trazer consigo o conhecimento dos fatos históricos para as novas gerações. Contudo, durante o percurso da história brasileira, de sua consolidação no Brasil Império aos dias atuais, a disciplina de história sofreu diversas alterações.

O conteúdo presente no material didático que guiara o ensino da disciplina privilegiava uma visão elitista e mesmo heroica na narração dos acontecimentos, podendo citar que por inúmeras vezes na história da educação este material fora utilizado como aparelho ideológico do Estado.

Considerada até mesmo perigosa, foi no regime autoritário instituído no golpe de 1964 que a disciplina de história sofreu graves mudanças,

[...] pois aos donos do poder esta é uma ciência perigosa, porque leva o aluno a questionar o presente através do estudo do passado. Para substituir esta disciplina “subversiva” foi criado o malfadado Estudos Sociais, uma miscelânea de História e Geografia, obviamente sem nenhum senso crítico. Livrinhos recheados de figurinhas, fatos e datas foram impostos a nossa juventude”. (MOCELLIN, 1985, p.109).

Neste período caracterizado pela censura, o material didático fora utilizado como instrumento de alienação e controle das massas estudantis. Porém, não foi apenas no tempo dos regimes autoritários que a história escolar fora prejudicada, trinta e três anos depois da retomada da democracia vive-se um embate no destino do ensino brasileiro.

Infelizmente, na atual conjuntura brasileira o ensino de história passa por críticas mudanças e por um futuro indefinido, pois concomitante aos acontecimentos

políticos/sociais surge a Lei nº 13.415/2017 a qual propõe a Reforma do Ensino Médio, com isto pode-se esperar um prejuízo no ensino da disciplina de história para as camadas populares da sociedade.

O que se espera é que a história, como ensino escolar, contribua com a formação social do aluno, pois por meio dela o aluno terá acesso à história de seu país, e que dela sejam reveladas todas as lutas de todos os povos, classes e grupos que dela participaram.

### 2.2.2 Livros didáticos – A representação da mulher nos livros de história

Observou-se desde o início deste trabalho o papel fundamental que os livros didáticos de história tiveram no decorrer da história do Brasil, desde ser o instrumento do ensino privilegiado à classe dominante, com vias ideológicas sendo diretamente injetadas, de fato, na classe proletária, como também um material de conhecimento incontestável a ser utilizado pelos professores.

A relevância aqui de se estudar primeiramente o papel do livro didático na história, revela-se na forma que, para muitos que interromperam seus estudos ainda na educação básica, aquele foi o único meio de acesso à história dos homens.

Neste ponto do estudo volta-se a questionar, se os estudantes de hoje são os cidadãos de amanhã, sendo eles os futuros atuantes da sociedade, qual tipo de educação e formação histórica os foi dado em relação à história das mulheres?

O fato é que há o comprometimento com a qualidade da educação, e esta implica em conhecer como o livro didático, ainda principal recurso pedagógico da sala de aula nos anos 1990, traz a história das mulheres aos estudantes. Vale ressaltar que,

Se hoje a qualidade dos livros didáticos é criticada, dentro e fora do circuito acadêmico, a utilização deste instrumento nas salas de aula parece não sofrer questionamentos mais incisivos. Incorporado ao sistema educacional brasileiro, segundo o próprio Ministério da Educação (MEC) sua utilização tem uma boa aceitação dos mais diversos agentes. (SILVA, 2012 p.805)

Por este motivo este trabalho é dedicado aos professores do Ensino Fundamental, e da Educação Básica de forma geral, pois para compreender a importância do que ensinar em história, é necessário antes de tudo, percorrer os caminhos dos grupos históricos, de modo a renegar a simples repetição da história, mas saber analisar quais livros didáticos tem sido verdadeiros instrumentos de conscientização e criticidade dos estudantes.

Deste modo, nesta pesquisa, voltou-se o olhar para os livros didáticos de história, dedicados ao ensino fundamental no Estado do Paraná no período dos anos 1990. Este período histórico já condizia com várias conquistas das mulheres no campo político e social, mas será que os livros que formavam a opinião dos alunos já traziam consigo o registro de uma história das mulheres?

Para um melhor recorte, foram feitas análises dos livros didáticos da disciplina de história especificamente em dois períodos, no que constitui ao período de 1930 até o final do Estado Novo (1937- 1945) e ao Regime Militar (1964-1985). O intuito é investigar o que os livros aqui analisados mostram sobre a participação feminina na constituição da história brasileira, visto que muitas foram suas atividades nestes dois tempos ressaltados.

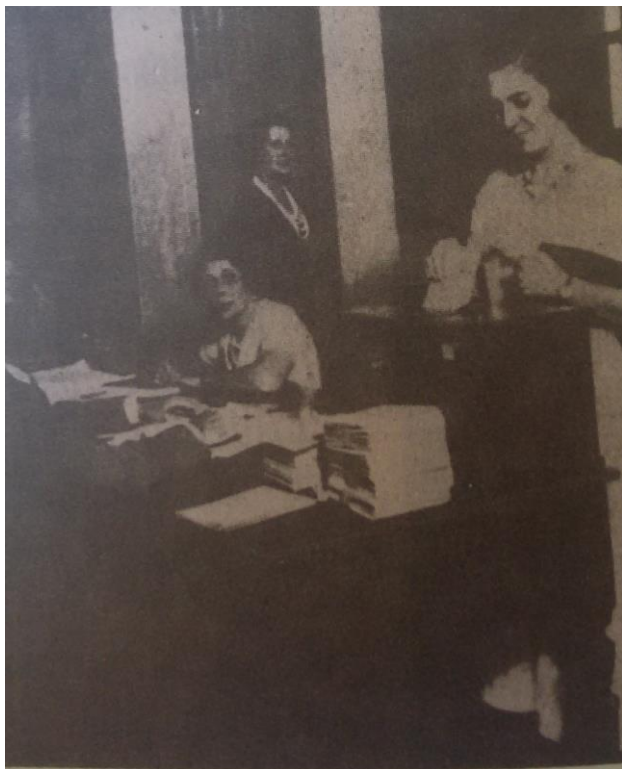
Assim, a primeira análise foi feita no livro *História do Brasil* do autor Osvaldo Rodrigues de Souza. O autor de forma geral organiza muito bem seu livro, busca trazer o máximo de informações possíveis sobre os dois períodos que se observou.

A segunda análise realizou-se no livro *História do Povo Brasileiro – Império e República* do autor Renato Mocellin. Este escritor traz em sua obra a participação do povo brasileiro na história do país. Na apresentação do livro ele já identifica que o objetivo da obra é levar “o aluno a buscar no passado as origens dos nossos problemas atuais” e ainda afirma “Não temos receio de dizer que pretendemos fazer a História do Povo Brasileiro e não a de alguns “heróis” (sic) como é habitual” (MOCELLIN, 1985, p.03).

No livro *História do Brasil*, ao tratar sobre a constituição de 1934, tem-se demarcados vários itens que faziam parte deste documento, dentre eles um item específico às mulheres é lembrado com a seguinte frase: “instituição do voto feminino e do voto secreto e obrigatório” (SOUZA, 1992, p.108).

Ainda, abaixo dos itens que tratam da constituição de 1934 temos a figura de mulheres exercendo o novo direito ao voto.

**Figura 1- Fotografia de mulheres exercendo o direito ao voto.**



**Fonte: Livro didático *História do Brasil*, 1992.**

No livro *História do Povo Brasileiro* este fato ocorre com semelhança. Ao iniciar a contextualização da Constituição de 1934 o autor escreve “O código eleitoral de 1932 trouxe uma série de inovações, tais como: Voto secreto; Voto da mulher”. (MOCELLIN, 1985, p. 80).

Apesar de o livro trazer o fato histórico da conquista do direito ao voto, agora estendido às mulheres, ele não o coloca como uma conquista deste grupo, mas sim como apenas mais um adendo da nova constituição que se implantava naquele ano.

A luta das sufragistas durou em torno de 40 anos no Brasil, mobilizou muitas mulheres em um período onde se mobilizar era sinônimo de ações que iam contra a moral.

O direito ao voto não foi conquistado com apenas um adendo à Constituição de 1934, mas sim com mulheres que se organizaram em busca do direito de votar e serem votadas. E este movimento, que é considerado de extrema importância dentro do período em questão, deve ser mostrado aos estudantes como parte fundamental das conquistas das mulheres.



No que tange o período do Regime militar tem-se duas passagens significantes no livro *História do Brasil*, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e o direito à anistia no final dos anos de repressão.

A primeira se remete à onda anticomunista que se criara no período em questão, e que favoreceu as condições sociais ideológicas para o golpe dado no mesmo ano, trata-se da Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

**Figura 2 - Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada em São Paulo no ano de 1964.**



Fonte: Livro didático *História do Brasil*, 1992.

Ao tratar deste assunto o autor mostra que o movimento contou com a participação de muitas mulheres, sem citar os fatos que as levaram a esta organização, ou suas posições econômicas.

Vale ressaltar aqui que as mulheres, que até o momento na década de 60 haviam conquistado alguns direitos sociais, possuem uma história controversa quando se trata de regimes autoritários,

De acordo com a ideologia dos regimes autoritários, a principal responsabilidade social das mulheres é de serem “boas” mães, isto é, não apenas preencher sua função biológica básica de reprodutoras de seres humanos, mas reproduzir, também, valores sociais e ideológicos estabelecidos. (TABAK, 1983, p. 73).

Deste modo, no Brasil um grupo de mulheres incorporou os espaços sociais tomando para si esta função de “reprodutora dos valores sociais”, que de fato apoiava a manutenção do golpe, como visto na fotografia acima. Este papel feminino aceitável enfatiza ainda mais a coragem de outras mulheres ao quebrar o padrão burguês e lutar contra a ditadura.

Já na segunda passagem o livro didático aborda a anistia apenas com o uso de uma fotografia. Nela podemos ver a legenda “Com a aprovação da Lei da Anistia, os exilados políticos puderam voltar ao Brasil. Brizola foi um deles. Era o fim de 15 anos de exílio”. (SOUZA, 1992, p. 120).

**Figura 3 - A volta dos exilados políticos, concedida pela Lei da Anistia.**



**Fonte: Livro didático *História do Brasil*, 1992.**

O movimento pela Anistia possui uma história que antecede em muito a lei que efetivou, de fato, os direitos dos que foram exilados por questões de ordem política.

Este movimento foi liderado e composto principalmente por mulheres, mães, irmãs, esposas, que buscavam a anistia para aqueles seus entes queridos que se encontravam longe por causa da repressão do governo ditatorial.

A luta pela liberdade dos presos políticos e retirada de muitos militantes da clandestinidade são questões pelas quais o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) lutava, e mostrava força perante a abertura que começara a aparecer no ano de 1979.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar da história do livro didático pode-se observar que este material fora utilizado por muito tempo como um instrumento de controle ideológico pela classe dominante, contudo, os livros didáticos analisados nesta pesquisa mostram que na década de 1980 a 1990 já existia uma preocupação de alguns autores em escrever para a formação crítica do aluno.

Após as análises dos livros didáticos acima descritos, pode-se observar que os livros de história para o ensino fundamental nas décadas de 1980 e 1990 já se preocupavam, em sua maioria, em uma escrita direcionada para a formação mais crítica dos estudantes, levando-os à conscientização política durante o conhecimento da história do país.

Outro ponto importante a ser destacado é como no livro *História do Povo Brasileiro- Império e República*, o autor trabalha com a ideia da participação do povo na história, retirando o caráter de figuras heroicas da reprodução da história.

Apesar de trazer as informações necessárias das figuras que a história destaca, ele também registra a ação de movimentos estudantis, operários, dentre diversos outros movimentos de esquerda e direita formados pela população que tiveram papel fundamental na constituição, na manutenção ou derrubada dos governos opressores estudados.

Entretanto, os materiais analisados ainda se mostraram omissos quanto à participação feminina nestes períodos, ou mesmo registrou-se com poucas palavras as conquistas para o povo marcadas pelas ações destas mulheres.

Apesar de existir no segundo livro analisado uma preocupação em registrar a história dos movimentos populares, nenhuma passagem é dedicada aos movimentos femininos que se formaram no período, ou de suas influências.

Considerando estes aspectos apresentados, juntamente com a função norteadora do ensino adquirida pelos livros didáticos, verificou-se que os estudantes do ensino fundamental no período estudado careciam de representação feminina nos fatos históricos ali abordados.

Portanto, percebeu-se que mesmo voltados para uma vertente mais ampla e crítica os livros didáticos de história ainda refletiam a omissão da participação feminina na luta e construção da história. Este fato revela que alunos e professores devem ir além dos registros apresentados nos livros didáticos, a fim de conhecer a sua história oriunda do trabalho de agentes históricos masculinos e femininos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Zina Gonçalves de. **Luta das Mulheres pelo Direito de Voto. Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.** Arquipélago – Revista da Universidade dos Açores, Ponto Delgada, 2ª série, VI, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : História.** Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p.

COSTA, Ana Alice alcantara. **O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção Política.** Revista Labrys, Estudos Feministas/ Étude Féministes, Brasília, v.7, 2005.

DEL PRIORE, Mary (ORG). BASSANEZI, Carla (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil.** 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HORNES, Luciana Gerundo. **A Representação do Gênero nos Livros Didáticos de História da RSE.** Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História – LHAG/UNICENTRO, p.320-328.

MOCELLIN, Renato. **História do Povo Brasileiro: Império e República.** São Paulo: Ed. do Brasil, 1985.

PERROT, Michelle. **Escrever uma História das Mulheres: Relatos de uma Experiência.** Cadernos Pagu, v.4, 1995. p. 09-28.

PITANGUY, Jacqueline. ALVES, Branca Moreira. **O que é Feminismo.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

RODRIGUES, Valéria Leoni. **A importância da mulher.** Disponível em<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf> > Acesso em fevereiro, 2018.

SILVA, Marcô Antonio. **A Fetichização do Livro Didático no Brasil.** Porto Alegre: Educação e Realidade, v.37, n.03, 2012. p. 803-821.

SOUZA, Osvaldo Rodrigues. **História do Brasil.** São Paulo: Ed. Ática. v.2, 1992.

TABAK, Fanny. **Autoritarismo e Participação Política da Mulher.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As Mulheres e a História: Uma Introdução Teórico Metodológica.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

